

CRISE DEIXOU FHC ABATIDO

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem usado uma expressão singular para descrever a tormenta que atravessa: "O mar está encapelado (agitado, encrespado)". Quando perguntam como tem passado, recorre ao gerúndio. Os termos freqüentes são sobrevivendo ou prosseguindo. Sem férias ou paz entre aliados, enfrentando queda de popularidade no rastro da mais dura crise financeira de seu governo, além de atritos com governadores de oposição, o presidente — que se orgulha da capacidade de dormir bem — até passou uma noite em claro. Foi na madrugada de 14 de janeiro, véspera da saída de Gustavo Franco da presidência do Banco Central.

Fernando Henrique, que tentava gozar férias, desistiu da paradisíaca Praia do Saco (SE) para voltar à nublada Brasília. Presidente do PMDB, Jader Barbalho (PA) testemunhou a frustração: "Ele não precisou dizer nada. Estava no rosto dele".

O cientista político Leônicio Martins Rodrigues, um amigo de 30 anos, é testemunha do abatimento do presidente: "Fui com ele para a Praia do Saco. Chegamos à casa de Albano Franco (governador). Começamos a jogar pôquer. Mas os telefonemas de Brasília começaram a pipocar".

As desventuras vêm desde novembro, quando estourou o escândalo do grampo do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Ele viu fracassar o plano de ter o ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros no Ministério do Desenvolvimento. Em dezembro, o governo foi derrotado no Congresso ao tentar aprovar a cobrança de contribuição previdenciária dos inativos e, em janeiro, começou a viver a sua pior crise com a desvalorização do real.